

**Título: O conceito de "Brasilidade" na literatura no Brasil: diálogos entre A. Cândido (1962) e A. Coutinho (1980). Ensaios de historiografia crítica**

Autor(es) Pedro Paulo Alves dos Santos\*; Antonio Carlos Senna da Silva

E-mail para contato: pedosantos@gmail.com

IES: UNESA

Palavra(s) Chave(s): Teoria da Literatura; Estudos Literários; Comparatismo; Teorias da Recepção; Antonio Cândido e Afranio Couti

### RESUMO

A atual pesquisa pretende estudar na obra de Antônio Cândido "A Formação da Literatura no Brasil" (1980) em diálogo com Afrânio Coutinho "A Literatura no Brasil" (vol. 3 e 4) os traços do desenvolvimento do 'animus' brasileiro, a partir da estética da poesia produzida em dois momentos fortes da consciência nacional: a independência no século XIX (1822), com o papel do romantismo, como ficção de identidade nacional e na eclosão do Modernismo, no século XX, a partir da eclosão da "Semana de Arte Moderna" (1922). Duas formas aparentemente opostas em suas argumentações, estilísticas, contexto histórico-culturais, mas afinadas pela missão comum de construir a 'identidade brasileira e popular'. O estudo destes dois autores, postos em diálogo é fundamental na solidificação da formação de alunos/pesquisadores de Letras. Eles contribuíram para o adensamento das discussões críticas das literaturas nacionais, acirrada a partir dos anos 20 do século passado e com a intensificação de processos culturais de globalização torna-se mais premente, que pela pesquisa deste legado teórico, possibilite-se o acesso a uma reflexão crítica contemporânea, orientadora de possíveis caminhos aos impasses entre a universalidade da arte e da literatura no século XXI e os particularismos que justificam ainda as identidades nacionais. Os autores em questão discordam das categorias fundamentais que irão influenciar o debate em torno de uma historiografia brasileira da Literatura e das artes em geral. A historiografia literária contemporânea expressa na elaboração de um discurso crítico superou a noção de 'crítica literária' como mera serialização de gêneros e estilos de época, para oferecer, em particular, pelos comparatismos e pelas estéticas da recepção e do efeito (ISER e JAUSS) novas perspectivas de análise de textos e contextos da produção artístico-literária no Brasil no fim do século XIX e no decorrer do século XX. O contexto histórico brasileiro no período romântico, momento em que o Brasil acabara de se libertar do jugo da metrópole contribuiu para a formação de uma "literatura empenhada" em construir a identidade nacional, valorizando o que era tido como peculiar ao país. Moreira Leite, em seu texto "Romantismo e Nacionalismo" (1979), afirma que quando o Brasil estava para se tornar um país independente, "já não se tratava de conseguir a independência política, mas de consolidá-la através de elementos característicos e distintivos do país, bem como de um sentimento fundamental de fidelidade à pátria às suas tradições" (p. 43). O grande problema é que ambos foram apropriados sem uma crítica à visão eurocêntrica que, segundo Silvano Santiago (2002), foi sendo reproduzida pelo imaginário brasileiro. A exigência de se configurar um "espírito nacional", portanto, faz parte da formação da literatura brasileira de tal modo que é um critério de valor para uma obra ser considerada digna de ser inserida na história da literatura brasileira, tal como podemos observar em Antônio Cândido em sua obra "Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos" (196). De acordo com este autor, para que haja de fato literatura é preciso escritores conscientes de seu papel, capazes de consolidarem uma obra que estimule a formação de um público, de modo que com esses três elementos se promova a "continuidade literária" (CÂNDIDO, p.24), ou seja, a não-ruptura das obras com seu público, a fim de que se possa configurar um sistema. Tal concepção de história literária foi criticada por se constituir como uma visão "evolutivo-linear-integrativa" (CAMPOS, p. 36). Segundo Cândido, a literatura que não apresenta esses elementos consolidados (obra-público-autor) não é capaz de formar um sistema e, por isso, não passaria de manifestação literária. Sendo assim, autores como Antônio Vieira e Gregório de Matos não são considerados pelo crítico como representantes da literatura brasileira, pois não contribuíram para sua formação.